

ANÁLISE DE ESCOLHAS TRADUTÓRIAS PARA “*THE SILMARILLION*”, DE J.R.R. TOLKIEN, SEGUNDO UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Giovani Fatobeni Barbosa Monteiro (PIC/UEM), Líliam Marins (Orientadora), e-mail: liliamchris@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Letras Modernas/Maringá, PR.

LETRAS

LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

Palavras-chave: Tradução, Desconstrutivismo, J.R.R. Tolkien

Resumo

O objetivo geral deste trabalho consistiu em analisar e refletir acerca de determinadas escolhas tradutórias feitas para instâncias específicas da narrativa de *The Silmarillion*, de J.R.R. Tolkien, pelo ponto de vista de uma perspectiva crítica dos estudos da tradução. Nesse ínterim, buscamos investigar quais foram as estratégias discursivas utilizadas pelo tradutor para que alcançasse suas escolhas finais. De modo geral, tal viés crítico/desconstrutivo se coloca em contraponto a exigências de cunho prescritivo, como os ideais da equivalência de sentidos, transparência e fidelidade unívoca em tradução. Adotamos como base as noções teóricas de Derrida (2006), Fish (1992), Hermans (1996) e Arrojo (2003). Ainda que exerçam focos diferentes, cada um dos autores entra em confluência no quesito da problematização de pressuposições tradicionais tidas como idealizadas e alheias à realidade instável de suas muitas variantes. Situam as traduções, outrossim, como novos textos, frutos de fatores que são seus constituintes. O estudo do conjunto dos trechos traduzidos selecionados levou-nos à conclusão de que estes denotam terem tido como critérios maiores a recepção do público leitor e a naturalidade no português. Cremos que isso demonstrou um papel de agência definidora por parte da tradutora, que optou por tal abordagem e se utilizou do recurso da criatividade para a resolução das dificuldades do processo. Coadunando com o que o aporte teórico prevê, “*O Silmarillion*” demonstrou ser uma leitura específica e distinta de seu texto de partida.

Introdução

No presente trabalho, buscamos tanto estudar conjuntamente determinados excertos de “*The Silmarillion*” e de sua tradução para o português, investigando as possíveis estratégias empregadas em seu processo, como problematizar vieses prescritivos mantenedores de noções como equivalência unívoca, fidelidade e/ou transparência na tradução e destacar a variedade de implicações do processo tradutório, oriundas de fatores tanto práticos como sócio-históricos. Para tal,

utilizamos como base as propostas de Derrida (2006), Fish (1992), Hermans (1996) e Arrojo (2003), as quais julgamos cabível explorar em uma breve contextualização. Destarte, as contribuições de Derrida (2006) em nosso tópico da tradução giram em torno da contestação da noção arraigada do *tradutor endividado* e do reconhecimento das diferenças sempre operantes nos seus significados. Além disso, o autor estabelece uma certa *horizontalidade* entre os patamares ocupados por esta e seu texto “original”, ressaltando a importância de cada um dos lados, e especialmente sua dependência mútua. Como afirma, estes são “inseparáveis” (DERRIDA, 2006, p.71). Fish (1992), por sua vez, com sua ênfase na “situação” que nos encerra, propõe que, pela realidade da vasta gama de fatores pré-existentes referentes ao discurso, os significados só se darão dentro de algum tipo de concretude, não sendo, pois, absolutos. De fato, ele afirma que aos enunciados não se pode dar “uma classificação imutável e definitiva” (FISH, 1992, p.195). Além disso, postula que a leitura e a interpretação não são estanques ou facilmente distinguidas, dado que “Estar em uma situação é ver as palavras [...] como já significativas” (FISH, 1992, p.199). Já Hermans (1996), ao expor e questionar o acordo generalizado vigente que mescla as identidades de tradução e original e os confere o “mesmo valor”, dita que “a diferença [...] a opacidade e a desordem [...] estão inscritas nas operações da tradução (HERMANS, 1996, p.5)”. Logo, assevera que a reprovada e assim chamada *interferência* do tradutor, constitui, no fim, cem por cento de seu conteúdo. Em outras palavras, é a voz desse agente que constitui a tradução. Finalmente, vê-se em Arrojo (2003) uma crítica à ideia de uma tradução recuperadora de sentidos. A autora explana que significados são sempre constituídos por *leituras* não isentas de fatores históricos e culturais; logo, é natural que traduções nunca atinjam um grau exaustivo de seus textos de partida. Em suas palavras, “o que somente podemos atingir [...] é expressar *nossa* visão [do] autor e de suas intenções (ARROJO, 2003, p.38, 41).” Neste quadro, conclui que a tradução *produz*, e não “transfere”, significados. No intento de sintetizar todo este panorama teórico, basta salientar que, na bibliografia consultada, a tradução é tida como um novo texto, e que sua contestação de vieses tradicionais gira em torno de os sentidos denotarem não serem tão controláveis como noções prescritivas haveriam de supor.

Metodologia

O estudo das escolhas tradutórias foi de caráter qualitativo e tomou a forma de uma análise bibliográfica. Foram priorizadas construções que demonstrassem exigir do tradutor uma maior inventividade dentro da rede de relações na língua portuguesa. Encaramos a tradução de cada instância como uma tentativa de resolução de problemas evidenciadora, na medida do possível, de quais estratégias discursivas podem ter sido utilizadas pela tradutora para que alcançasse sua escolha final.

Resultados e Discussão

Os trechos traduzidos selecionados para análise foram dispostos em cinco grupos distintos: o primeiro, focado no termo *fire*; o segundo, no termo *heart*; o terceiro, no termo *maiden*; o quarto, no verbo *wither*; o quinto, por fim, em sentidos expandidos.

Nesta seção, alguns dos dados encontrados em cada um desses pontos serão brevemente expostos. Desta feita, para apresentar o grupo um, destacamos a tradução de “[...] *she restrained him when the fire of his heart grew too hot* [...]” (TOLKIEN, 1999, p.65)” por “[...] ela o refreava quando o temperamento do marido se incendiava [...]” (TOLKIEN, 2009, p.69)”, na qual há uma construção nova onde os sentidos foram remanejados tanto lexicalmente como gramaticalmente. A escolha de traduzir por “temperamento” demonstra uma associação interpretativa feita, possivelmente, com a ideia de ira, no âmbito das emoções. Do predicado *grew too hot*, chega-se em “*se incendiava*”, uma clara retomada do sentido imediatamente anterior (*fire*). Em ambas as instâncias, nota-se que foram deixadas de lado acepções mais literais. Para apresentar o grupo dois, destacamos a tradução de “[...] *the Númenóreans began to murmur, at first in their hearts, and then in open words, against the doom of Men* [...]” (TOLKIEN, 1999, p.315)” por “[...] os númenorianos começaram a murmurar, de início em seu íntimo e depois em palavras francas, contra a sina dos homens [...]” (TOLKIEN, 2009, p.335)”, onde talvez tenha sido suscitada uma acepção de *heart* a ser interpretada como “íntimo” com o propósito de contrastar com a ideia imediatamente posterior: *open words*. O motivo dessa priorização aparenta ter sido marcadamente textual, uma tentativa de nutrir certo grau de consonância entre os elementos circundantes que propiciou essa opção de tradução. O grupo três trata da tradução do substantivo *maidens* (TOLKIEN, 1999, p.64, p.292, p.335) tanto por “criadas” (TOLKIEN, 2009, p.68) como por “donzelas” (TOLKIEN, 2009, p.310, p.356). No decorrer narrativo, vê-se no primeiro desses casos em inglês que *maidens* denota o sentido de pertencimento, ou ainda, de serviço prestado a outrem. Logo, traduz-se por “criadas”. Quanto aos outros casos, nos quais é enfatizada a jovem idade das moças (e, por associação, o seu presumido estado solteiro e virgem), traduz-se por “donzelas”. Verificamos que, no que pese seu caráter tão somente pontual, estes sentidos mudaram de acordo com as necessidades da tradução do contexto maior onde se encontravam. Para apresentar o grupo quatro, destacamos a tradução de “*The maidens of Estë tended the body of Míriel, and it remained unwithered; but she did not return*” (TOLKIEN, 1999, p.64)” por “As criadas de Estë cuidavam do corpo de Míriel, e ele manteve seu viço, mas ela não voltou (TOLKIEN, 2009, p.68)”. Mantendo em mente que *wither* está situado num sentido negativo, não surpreende a tradução ter “contornado” uma abordagem estritamente linguística, uma vez que não parece haver no português qualquer prefixo que opere do mesmo modo como em *unwithered*. Antes, foi elaborada uma nova sequência na qual este foi transmutado em um sentido positivo que se mostra como um dos ângulos pelos quais é possível olhar para o primeiro. Realizou-se uma inversão criativa pela adaptação do sentido do verbo e pelo abandono do prefixo negativo. Para apresentar, por fim, o grupo cinco, destacamos a tradução de “[...] *the mightiest mariner of song*” (TOLKIEN, 1999, p.114)” por “[...] o mais poderoso marinheiro que teve sua história contada” (TOLKIEN, 2009, p.121)”. A escolha tradutória acima torna-se peculiar quando verificamos sua singularidade em meio a outras ocorrências do termo *song* (TOLKIEN, 1999, p.120, p.292, p.366), todas traduzidas pela metonímia “versos” (TOLKIEN, 2009, p. 128, p. 310, p.388). Tal tratamento diferenciado aponta para um certo grau de complementação de sentidos no português, dado que essa nova oração erigida no lugar do substantivo desempenha um papel explicativo, expandindo a ideia de *song* para a sua

consequência pressuposta no contexto da narrativa de *The Silmarillion*, isto é, o contar de uma história (à moda das epopeias e tradições orais). Vale mencionar, como um adendo, que também puderam ser encontrados acréscimos de sentido em casos onde houve omissões propositais na sintaxe da língua inglesa que exigiram serem “preenchidas” no português.

Conclusões

No que concerne aos trechos observados, denotou-se que o exercício da tradução não se prendeu ao aspecto linguístico como critério predominante, possivelmente na intenção de não terminar com um discurso “engessado” por fatores deste tipo. Como prevê o aporte teórico, similaridades nos níveis estruturais da língua inglesa não conferiram à tradução a certeza de que esta atingiria um nível total dos sentidos. Usos estranhos/potencialmente problemáticos ao português brasileiro foram consistentemente “contornados”. Construções de sentido novas e inventivas tanto em sintaxe como em léxico foram empregadas, frequentemente envolvendo alternâncias entre categorias gramaticais/lexicais. Constatamos, a propósito, o acréscimo de palavras em pontos de omissão proposital no texto de partida em inglês, unida à evidente dedução das informações contextuais da narrativa que estivessem mais próximas de cada trecho em questão. Acreditamos que o critério maior da tradução tenha sido a recepção de seu público leitor, o que valida a própria individualidade da tradutora. Suas escolhas não foram “erros”, mas sim implicações de necessidades inerentes ao processo.

Agradecimentos

À professora Líliam, por sua presença valiosa e encorajadora na minha formação.

Referências

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução** – A Teoria na Prática. 4ª Edição. São Paulo: Série Princípios, 2003.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.
- FISH, Stanley. **Is There a Text in this Class?** Alfa, São Paulo, 36: pp 189-206, 1992.
- HERMANS, Theo. **Translation’s Other**. Inaugural Speech, University College of London, 1996. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/1668908.pdf>. Acesso em 12.ago.2019.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. **The Silmarillion**. HarperCollins Publishers, 1999.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Silmarillion**. 4ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.